

Por que conservar carnívoros?

Categories : [Silvio Marchini](#)

O futuro dos carnívoros depende, em parte, do balanço entre as motivações que nossa sociedade tem para conservá-los e as razões que determinados segmentos sociais – principalmente os produtores rurais que dividem o espaço com esses predadores – têm para perseguí-los. No Brasil, entre as razões para se perseguir carnívoros, destacam-se a prevenção da predação sobre animais domésticos e a retaliação por ataques já ocorridos. O prejuízo econômico resultante do ataque de carnívoros sobre animais domésticos é algo concreto, imediato, mensurável e, portanto, fácil de ser comunicado e entendido entre os produtores rurais. Essa razão prática e objetiva para se perseguir carnívoros é geralmente reforçada por sentimentos negativos em relação aos predadores e por percepções exageradas do risco de ataques sobre animais domésticos e, no caso dos carnívoros de grande porte, também sobre seres humanos. Além disso, a caça de carnívoros de grande porte pode ter um forte apelo social e pessoal, vide a persistência da caça recreativa da onça-pintada, a despeito da proibição legal. Por outro lado, as razões para se conservar os carnívoros nem sempre são tão fortes, objetivas e fáceis de comunicar e entender. Isso impõe aos conservacionistas a necessidade de conhecer melhor tais razões e, dessa forma, aprimorar a maneira como elas são comunicadas ao público.

Entre as razões para se conservar carnívoros, a mais explorada pelos conservacionistas é a ecológica. “Por estarem no topo da pirâmide alimentar, os carnívoros têm uma grande importância ecológica, pois podem regular a população de presas naturais e, desta forma, influenciar toda a dinâmica do ecossistema em que vivem. Na ausência de predadores, suas presas naturais, como mamíferos herbívoros (veados), roedores (capivaras, ratos), aves (pombas), répteis (cobras) e insetos (gafanhotos) tendem a se multiplicar exponencialmente, podendo trazer sérios prejuízos à agricultura e consideráveis perdas financeiras” (Leite-Pitman e Oliveira em *Manual de identificação, prevenção e controle de predação por carnívoros*). Essa é uma razão objetiva, cuja lógica conceitual pode ser entendida de forma intuitiva pelo público. Porém, a relação de causalidade entre matar um carnívooro em sua propriedade e sofrer perdas financeiras devido ao crescimento populacional de presas naturais nem sempre é percebida na prática pelo produtor rural, e conservacionistas raramente contam com exemplos concretos de tal “efeito cascata” indesejado em propriedades vizinhas que ajudariam a convencer o produtor rural. Entre abster-se de matar o predador para evitar uma suposta perda financeira devido a pragas no futuro e matar o predador para evitar a perda financeira certa e imediata resultante da predação sobre animais domésticos, o produtor rural tende a ficar com a segunda opção.

“Carnívoros são
carismáticos e exercem

uma atração excepcional sobre os turistas. A onça-pintada, por exemplo, é a espécie que mais aparece na propaganda turística em Mato Grosso depois do tuiuiú. Por outro lado, carnívoros são relativamente difíceis de observar na natureza.”

Outra razão objetiva para se conservar carnívoros é a econômica. Carnívoros geram renda. Internacionalmente, a caça esportiva e o comércio de peles e de produtos usados na medicina tradicional são importantes formas de exploração econômica de carnívoros. Como a caça esportiva e comercial de carnívoros é proibida em todo o território nacional, a motivação econômica para se conservar carnívoros no Brasil está associada principalmente ao turismo. Carnívoros são carismáticos e exercem uma atração excepcional sobre os turistas. A onça-pintada, por exemplo, é a espécie que mais aparece na propaganda turística em Mato Grosso depois do tuiuiú. Por outro lado, carnívoros são relativamente difíceis de observar na natureza. As espécies mais difíceis de observar tendem a ser justamente as que mais merecem cuidados de conservação. O avistamento de onças-pintadas, lobos-guarás, ariranhas, jaguatiricas, cachorros-vinagres ou gatos-do-mato dificilmente pode ser garantido por operadores de turismo, o que limita o potencial econômico desses animais como atração turística. A fim de aumentar a probabilidade de avistamento por turistas, alguns operadores usam iscas para atrair os carnívoros e habituá-los à presença humana. Tal prática, porém, desagrada aos turistas que preferem experiências mais autênticas com a fauna silvestre. Além disso, existem evidências de que a habituação de carnívoros à presença humana pode ter consequências indesejadas. Ataques recentes de onça-pintada a humanos no Pantanal, por exemplo, têm sido associados à habituação das onças à presença de turistas em decorrência do uso de iscas por parte de operadores de turismo. As notícias de tais ataques provavelmente agravaram atitudes negativas em relação às onças entre os pantaneiros e, nesse caso, o turismo pode ter contribuído para aumentar a hostilidade às onças. Para servir de motivação econômica para a conservação de carnívoros, o turismo deve ser devidamente planejado e implementado.

Existe também uma razão legal para se conservar carnívoros, ou ao menos para se abster de persegui-los: matar carnívoros é um crime segundo a Lei de Crimes Ambientais. Segundo o Artigo 29 daquela lei, “matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou

em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida: pena de detenção de seis meses a um ano, e multa". A razão legal para se conservar carnívoros é objetiva, fácil de comunicar e de entender. De fato, a maioria dos produtores rurais sabe que é ilegal matar carnívoros. Porém, em algumas áreas remotas do país é igualmente difundida a percepção de ausência da autoridade competente e da aplicação da lei. Naquelas áreas a perseguição aos carnívoros continua apesar da proibição.

A decisão entre perseguir ou conservar carnívoros é determinada não apenas pela racionalidade dos motivos ecológicos, econômicos e legais, mas também por fatores subjetivos e mais difíceis de comunicar e de serem entendidos pelo público. Carnívoros são conservados também por razões sociais, culturais, emocionais e éticas. Esses fatores têm recebido menos atenção por parte dos conservacionistas, mas não são necessariamente menos importantes.

“O desejo de aprovação social e de fazer o que 'os outros' estão fazendo determina comportamentos ambientalmente responsáveis em uma sociedade cada vez mais ambientalmente consciente como a nossa.”

A motivação social para um produtor rural conservar os carnívoros em sua propriedade resulta da sua percepção de que a conservação de carnívoros é aprovada e praticada por segmentos relevantes da sociedade e, em particular, pelos membros do próprio segmento social ao qual pertence. O desejo de aprovação social e de fazer o que “os outros” estão fazendo determina comportamentos ambientalmente responsáveis em uma sociedade cada vez mais ambientalmente consciente como a nossa. De fato, existem evidências de que normas sociais (= crenças sobre que comportamentos são aprovados e desempenhados pela maioria) podem ser usadas de forma efetiva em comunicação. Por exemplo, um estudo avaliou a efetividade de diferentes mensagens para convencer os hóspedes de um hotel a economizar água e demonstrou que a mensagem com apelo à sustentabilidade – *economize água para o benefício das gerações futuras* – foi menos efetiva que a mensagem com apelo à norma social – *75% dos nossos hóspedes economizam água*. Esse “efeito maria-vai-com-as-outras”, no entanto, permanece praticamente inexplorado na pesquisa e na comunicação para a conservação da biodiversidade em geral e de carnívoros em particular.

O papel excepcional que os carnívoros ocupam na nossa cultura também pode servir de motivação para sua conservação. A onça-pintada, por exemplo, é um ícone da cultura latino americana. De pinturas rupestres à cédula de 50 reais, passando pelas crônicas dos primeiros exploradores e pinturas que retratam a história do país, literatura clássica e folclore, nenhuma outra espécie deixou tamanha “pegada” no nosso registro cultural. Na literatura infantil, a onça-pintada é a espécie da fauna brasileira que aparece no maior número de títulos. O topo da lista dos livros infantis, porém, é dominado por animais exóticos – leão, lobo e urso – todos carnívoros de grande porte (a onça-parda, segundo maior carnívooro terrestre brasileiro, está praticamente ausente na literatura infantil do país, provavelmente ofuscada por sua parente mais notória, a onça-pintada).

Uma razão excepcionalmente subjetiva, porém relevante, para se conservar carnívoros é a emocional: nós gostamos de carnívoros. Uma evidência disso é nossa preferência entre os animais de estimação: cães e gatos – ambos carnívoros – são, de longe, os animais de estimação preferidos em todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, pelo menos uma a cada três famílias possui cão ou gato em casa. São mais de 72 milhões de cães e 81 milhões de gatos mantidos como animais de estimação naquele país. Emoções como o amor, e também o ódio e o medo, podem desempenhar um papel central na nossa relação com os carnívoros. No entanto, pouca atenção tem sido dada ao componente afetivo das interações entre gente e fauna silvestre. Duas possíveis razões para isso são: (i) emoções são relativamente difíceis de mensurar, conceitualmente difíceis de entender e, portanto, difíceis de comunicar ao público, e (ii) o ideal dos conservationistas tem sido o de enfatizar a racionalidade no processo de tomada de decisões, ao mesmo tempo que tenta excluir quaisquer considerações de cunho emocional. Emoções e cognições, porém, são sistemas separados e estão ligados a partes diferentes do cérebro: quando tomamos uma decisão, como a de matar ou conservar um carnívooro, emoções e cognições interagem.

Por fim, existem razões éticas para se conservar carnívoros. “Devemos conservar carnívoros porque atribuímos valor intrínseco a eles, acreditamos que eles tenham tanto direito de existir quanto nós e achamos, portanto, que levar um carnívooro à extinção é moralmente reprovável”. E mais, “assim como devemos respeitar nossos vizinhos de bairro por cidadania, que é baseada na ética e independe de qualquer fundamento científico, econômico ou legal, devemos respeitar também as demais espécies, por cidadania ecológica”. Porém, enquanto a ecologia e a economia são baseadas em princípios universais, a ética varia de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, e muda com o tempo. Nem todos concordam com as afirmações acima. A subjetividade da ética torna o apelo moral para a conservação dos carnívoros particularmente difícil de comunicar – e de ser imposto – ao público.

Em suma, são várias as motivações para se conservar carnívoros. Algumas dessas motivações estão se tornando mais fortes e difundidas. O avanço da ciência revela a importância ecológica dos carnívoros e o avanço dos meios de comunicação contribui para difundir essa informação. O fortalecimento das instituições competentes e o desenvolvimento da infraestrutura nas partes mais

remotas do país reforçam a aplicação das leis que protegem os carnívoros. A modernização da sociedade é acompanhada por uma mudança de valores em relação à natureza – de valores predominantemente utilitários para valores mutualísticos – de modo que carnívoros em seu habitat ganham importância como recursos turísticos e sua conservação é cada vez mais incentivada socialmente. Na sociedade pós-industrial, o horizonte ético é expandido e considerações morais se aplicam cada vez mais às nossas relações com os carnívoros. No entanto, para muitas pessoas, as razões para matar carnívoros ainda prevalecem sobre as motivações para conservá-los. Como consequência, 10 das 26 espécies de carnívoros da fauna brasileira estão atualmente ameaçadas de extinção. O desafio à frente na conservação dos carnívoros é, em última análise, tornar as razões que aquelas pessoas têm para perseguir carnívoros menos relevantes do que as razões que elas têm para conservá-los.

Silvio Marchini, doutor em Conservação da Vida Silvestre, fundador da Escola da Amazônia.
silvio@escoladaamazonia.org

Leia também:

[Convivendo com a onça-pintada](#)

[Onça-pintada: três décadas de publicações científicas](#)

[A onça-pintada ainda tem chance?](#)